**Nota:** os termos usados, e que podem ser desconhecidos do leitor, encontram –se explicado num glossário, na parte final do livro.

Destro Zola, o autor.

**Naqueles tempos de assim** I

O dia estava acabando. As nuvens passavam e ao pôr –do –sol soerguia a escuridão moroso da noite a tornar o dia do sol resplandescente. O céu desnublado, reluzento e lúgubre de Luanda, o pequeno sopro do inverno e as estrelas no seu minúsculo clarão. Em casa do seculu, sempre foi assim; os miúdos enchiam –se, pronto a fluierem os olhos pelas estórias do antigamente, na vida. O velho disposto para mais uma jornada acabada, os miúdos aí, lá estiveram todos, as vezes, para ouvirem mais uma estória que soprara a memória do velho. Habituado a sua companhia, o velho buscava neles sempre a apetencia de viver mais tempo e vice –versa. É isso aí, com as crianças o tempo é algo inexistente, só a idade compreende certas coisas, no balançar da cabeça, à janela os cotovelos poisados no seu peitoral monologava interiormente, o velho, ao gentil sopro das brisas marinhas. Sempre assim foi.

Naquela inação da noite que parecera, sem o zumbido dos insectos ou o recheio de alguns répteis [disseminado](http://www.dicio.com.br/disseminado/)s nos cantos da casa, Kazola soerguera o braço e com o indicador voltava ao silêncio da muidagem.

̶ Xiiiiiii, o avô já vâ começâ, num fazem mais barrulho. Assim íam –se encostando um ao lado do outro, como fora de seu costume, enquanto o velho ia dizer algo.

Torcendo o repouso e tomado o sossego, o velho continuou:

̶ Os grandes homens, fazem –se com os livros, essa era a grande frase que o avôNgola sempre dizia para os meninos, sentados no quintal, todos nós reunidos, de calções, chinelas, às vezes, de tronco nú, os pés entrelançados uns por cima doutros, as camisolas jogadas no ombro, como sempre nos acostumava –mos, como era quando íamos jantar ou matabichar, até mesmo outros candengues do nosso bairro também lá estiveram, descalços e sentados todos nós no quintal do avôNgola. Sempre quando a noite lá estivemos, a ouvir às estórias que só ele sabia nos contar. Às noites de Luanda em casa do avô era mesmo bastante divertido.

̶ Ouviram, meninos?. –retorquiu o velho, sentado, coçando as pontinhas de suas barbas, numa cadeira de fitas que ele próprio tivera feita com as suas mãos e assim ia baloiçando, levemente. Até quando nós víamos ele abaloiçar, principalmente eu, daquele modo sentia muita gula de lá ir também baloiçar, como se fosse um baloiço.

̶ Sim, avô!. –em grandes coros daquela noite de lua cheia nós gritavámos bem alto e até de longe os ecos de nossas vozes miúdas se ecoara, como se fosse o sino do recreio ou quando saíamos e íamos entrar nas salas de aulas em empurões, gritando.

̶ Vós tendes de estudar muito, crianças, angola naquele tempo do colono era difícil... –dizia o avô num tom de voz com pouca vivacidade e para além, mesmo disso atendendo também a sua idade que já rondava os noventa e dois anos, mas que ainda preservava umas palavras bastante eufóricas, joviais e lúcidas para com todos. O avôNgola também andava sempre com uma bengala na mão, com os seus óculos bem ajeitados na ponta do nariz e que até nos parecia como o Avô Xitu.

̶ Naquele tempo, meninos! Era mesmo difícil. –acrescentou o avô, mexendo à cabeça e dava uma silenciosa risada, enquanto apoiava –se com o cotovelo na cadeira e a mão na buchecha ao lado esquerdo da face.

̶ Naquele tempo, eu não pôde estuadar muito, os meus pais trabalhavam para os colonos e eu, às vezes, também ia ajudá –los... –explicava o avôNgola resumidamente.

̶ Mas hoji vocês os meninos precisam se formar, ham!?. –disse o avô –mostrando para nós um certo encorajamento.

O avôNgola gostava muito de nos contar muitas coisas que angola havia vivido no antigamente, no tempo do colono português e nós também gostávamos de ouvir aqueslas estórias e histórias da' Ngola no antigamente, na vida. Ainda me lembro, assim como o avô nos dizia sempre.

̶ Hoji quasi tudo mudou, a Luanda de hoji num é do tempo do colono, está bem meninos!. –frisava novamente o avôNgola. Porém, ajeitava –se muito bem na cadeira onde esteve sentado, apoiava –se às costas e as suas mãos bem juntinhas, um por cima doutra, assim de modo que ia poisar o seu queixo enquanto nos contava àquelas estórias.

̶ Sim, avôNgola. –respondia –mos, todos em coro. E porém, ríamos miúdamente em silêncio, euforia de criança namorando o rosto todo sorridente.

̶ Como assim quasi tudo mudou, avô?. –com um tom repleto de tanta curiosidade e brinderinhas de crianças perguntei ao avô, isto é, por quê não seria tudo em vez de quase tudo. Porém, o avôNgola, olhou admiradamente para mim, logo parecia que ele tivesse notado uma certa curiosidade em que o levasse a frisar a minha questão, mas também ele não se fez de desentendido e logo disse para mim, resumidamente.

̶ Olha, meu menino, sabis o quê? –disse o velho que parecera pasmado.

̶ Não. –respondia eu, bem atento, encostado ao lado do velho, na sua cadeira de fitas, enquanto falava.

̶ É porque tudo num é quasi tudo e quasi tudo num é tudo. –explicou o avô –na sua certeza.

̶ Ainda falta muito para essa nossa querida Angola. –num tom repleto com tanta jovialidade e esperanças de rosas acrescentou o avôNgola, com todo optimismo da sua palavra.

̶ Angola um dia vai mudar, vocês hão –de ver. –reafirmara, o avô.

̶ Intão, avô, angola ainda num mudô?. –perguntei, enquanto outros miúdos do nosso bairro mantiam –se calados quando o velho e eu iamos falar.

̶ Não, menino, num é isso, não na sua totalidade. –com tanta firmeza e optimismo nos olhos do velho ele afirmava, todo hébrio ou com tanta hebridade.

̶ Angola vai consquistar a paz definitiva um dia, vocês vão ver, não sei si até lá eu estaria. –num tom vitorioso e optimista dizia o velho.

Todavia, confesso que já não mais aguentava pôr tantas palavras pesadas do avôNgola às costas e aí tentava parecer um pouquinho dispercebido. Lancei um intenso olhar ao mais velho, camufladamente ele também ia compreender as minhas intenções, mas por enquanto preferi manter –se calado enquanto ele ia nos contar das cenas da nossa angola. Poças!, mas só que não me saía da cabeça, lançar umas daquelas questões bem pesada ao velho, mas também devo admitir que ele tinha mesmo umas coisas na sua cabeça! Hum!?. Quem me dera vasculhar tudo o que há na cabeça do avô!, monologava num silêncio absoluto.

O avôNgola sabia mesmo muitas coisas. Não somente por ter tido vivido tantas coisas na época do colono, mas sobretudo dos seus grandes saberes de quase toda uma época do antigamente e do novo. Até que ele mesmo preferia chamar de onda(...), e nós também bem sabiamos que o nosso país estava mergulhado em mar de espinhos e caos. Mesmo que não era tudo que sabíamos, mas doque ouvíamos, víamos e escutávamos nós sentiamos também que estávamos pendurados todos nós naquelas ondas, assim como o avô preferia chamar. A onda, para o avô significava muitas coisas, mas só que ele nunca nos disse qual era o verdadeiro significado de Onda. O que até só lembro –me que ele dizía –nos era o seguinte: "meninos, a Onda tem muitos significados, só saberão o significado literal dessa palavra quando vão crescê", assim num tom com desânimo, dizia o avô e até parecera que preenchia o vácuo do reluzento.

A onda II

Entardeceu.Naquele apogel do sol, cintilou os últimos raios solares de atarde, no céu nublado daquele cair da tarde, galgavam as adorinhas, pássaros no ar, e intuia –se o ardor de verão esparso e [surripiado](http://www.dicio.com.br/surripiado/) à atmosfera.Depois do jantar, daquela noite, Kazola foi até em casa.Normalmente, as crianças tem sempre uma a inventar, sei lá, talvez algo que lhes envolva natualmente sua imaginação e isso muitas das vezes notava aquelas descoisas em nós, sempre quando acabavamos por criar uma, começara outra no despreocupar dos livros no chão e o mundo existía –nos. De costume sempre foi, nos pequenos bairros de Luanda à luz do sem luar à noite, os meninos estiveram sentados no murro, as palmas das mãos poisados no seu peitoral. Aquela dúvida de ser onda, há muito começou, mas desta vez eles mostraram a mesma indignação, aí na inação negror da noite na rua.

̶ Você acha mesmo qui ser Onda é bué fácil?. –indaguei ao Kazola, quando estávamos sentados no murro do quintal do tio Kiluanje, erguendo os olhos **ao** céu, víamos as estrelas brilhando lucidamente e com toda jovialidade para nós, durante aquela noite de inverno. Pouco e menos ainda a brisa e brando do relento não era intenso, foi somente o princípio daquela estação.

̶ Yá, eu mesmo acho!. –respondeu ele com convicção, ao passo que ia menear à cabeça e prolongou seu olhar para mim.

̶ Hum, cumo assim!?. –indignei, indagando –prolongando o olhar nele.

̶ Aiê!, você num si lembra cumo o Avô sempre nos dizia, né?!. –frisou ele, porém, ajeitando –se ao murro e encostou ao meu lado, enquanto adiantou.

̶ O Avô nos dizia sempre que nós zascrianças somos Onda, num ti lembras, hein!? . –retorquiu ele, olhando para mim, soerguendo a mão ao meu ombro, enquanto prosseguia a palavra.

Perqueriu, Kazola, todavia, pôs o dedo indicador nos lábios e pensava.

̶ Quali livro!?. –indaguei, meio iressoluto..

̶ Aqueli livro qui fala duns **coizinhos** e um porco, assim, assim. –tentou me explicar, abanando a palma da mão e ia menear à cabeça, mas eu não entendia o que ele quis dizer com tudo aquilo.

Todavia, encontra –se cheio de pensamentos; tomado por preocupações, mergulhando nos labirintos de desígnio, enquanto fiquei pendurado àquele seu **diculo** de assim, assim(...) que até não entendia o seu assim –assm. Porém, passando já alguns minutos ele lembrou –se, ajeitando –se novamente, lançou o olhar e disse, indignado.

̶ Yá, é aqueli livro *"Quem mi dera Ser Onda"*, que o Avô nos contava s empre a noite quando íamos no **cubico** deli né?

̶ Agora ti lembras!?. –perguntou para mi, todo sorridente, pendurado no murro.

̶ Hammmmmm!, agora já mi lembrei. –disse, pegando à cabeça de modo que ia falando para ele.

̶ É aqueli livro qui o Avô nos dissi qui é do tio Rui, num é?. –perguntei todo eufórico e só o riso resumira –se nos nossos lábios.

̶ Yá, é mesmo essi, no menear à cabeça. –Kazola respondeu.

̶ É mesmo, é mesmo. –concordei, soerguendo à cabeça de modo que desse a minha concordância à palavra e as mãos bem seguras no murro.

̶ Num ti dissi, num ti dissi. –retorquiu ele, mostrando para mim um riso pequeno e miúdo assim como ele.

̶ Yá, você tinha mesmo razão, nós zascrianças somo memo Onda, num é Kazola?. –indaguei, as sobrancelhas uniam –se camufladamente, erguendo –se.

̶ Yá, somos mesmo Onda, num visti no livro do tio Rui, como o Avô nos zesplicô. –concordou ele, todo sorridente.

̶ Mas, será qui tambê os mais velhos são Ondas?!. –perguntou Kazola, meio indignado.

̶ Tambê num sei!. –respondei logo, abrindo as mãos, ombros encolhidos e aquele dissabido notava –se na união e no erguer das sobrancelhas.

̶ Mas, o AvôNgola nos dizia qui as Ondas dos mais velhos é bem **côche,**assim tipo mô dedo. Porém, mostrei a ponta do dedo, o indicador.

̶ É assim, vê, vê!. –mostrava eu, enconstado ao ombro dele.

̶ A Onda delis é «**bué»** assim, «bué» côchi?!. –perguntou Kazola, quando olhava para os meus dedos, na medida que ia lhe mostrar e a sua cabeça também enconstado à minha, de modo a observar.

̶ Yá, é assim bué **cochito**. –respondei, mexendo à cabeça.

̶ Hum!?, quem ti dissi, já!?. –meio hesitante, averiguou Kazola.

̶ É o Avô, afirmei. –todo convicto.

̶ Intão hoji à noite vamo lá no cubico deli, li perguntâ si eli mesmo é quem ti dissi. –irresoluto que era, retorqiu novamente.

̶ Yá, vamo i lá intão, de noite, hein!?

̶ Yá, vamo bazá memo lá, eu num tôa ti mentí, vaz vê sô, como o Avô vâ nos zesplicâ. –disse com toda a certeza naquilo que o Avô nos dizia.

Ambos sabiam que o velho era a única solução de suas dúvidas, sempre que quisessem saber de alguma coisa que por vós estivesse em labirintos. Nós, então decidimos ir até à casa do velho que ficara quase à beira mar, à noite maiúscula e quase também longe de outras cubatas da vizinhança. De longe, pudessemos ver as chamas ou até mesmo as fumanças da fogueira que ele costumava sempre acender. E que também, as vezes, lho encontrávamos sentado na areia da praia ao vento brando à beira –mar a baloiçar na sua cadeira e cachimbava.

E então, os meninos levaram aquela dúvida que tinham ao saber do grande velho da bengala de pau, AvôNgola. Ele, sabia que eles vinham de noite, do seu costume, deixava sempre à porta bem encostadinha, para que eles entrassem quando chegássem, enquanto que os esperava na sua pequena casa do antigo colono. Como ela era tão pequena, não cabia todos aqueles meninos, mas o Avô dava jeito para que ninguém ficasse fora e isto nos deixara muito eufóricos nos olhos e ainda mais quando os punha encostado um ao lado do outro, assim como ía –nos contar as estórias à volta da fogueira. Os meninos à volta da fogueira, tudo aquilo acontecia na casa do velho.

Como ele mesmo sabia que, os meninos quando viessem assim daquele modo é porque havia algo a esclarecer consigo. Porém, não quis perguntar, deixou que eles mesmos adiantassem, a princípio, mas parecia que todos mantiveram –se quietos, o silêncio da noite, o céu que parecera cinzenta, assim meio escuro e o pequeno clarão que a lua teve, e os meninos entreolhavam –se, como se estivessem a cochichar minúsculamente. Como sempre, de seu costme, o velho poisara as costas à cadeira, inclinando o corpo, entrelançando as pernas, soerguendo um pouco a cabeça, ajeitando os óculos de lentes grossas, como as do manguxi, quem o visse era de questionar, devido o tamanho das mesmas, os olhos maiúsculos e logo adiantou, vendo o silêncio deles, como já havia feito muitas das vezes.

̶ Intão meninos, hoji num vão dizê nada, hum!?

Como o velho tinha mesmo aquele sentido de humor, então fingiu como se não soubesse nada e seguidamente ria na sua lentidão.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Glossário**

**Cubico.** –casa.

**Côche**. –pequeno.

**Candengues.** –miúdos, putos; crianças.

**Dis –sa –bi –do**. –dis+sabido = dissabido. –que não sabe ou não tem a mínima ideia do assunto, caso ou do problema, etc.

**Gula.** –vontade, ansiedade.

**Mata-bichar .** –tomar o pequeno almoço.

**Mata-bicho.** –pequeno almoço.

**Bazar.** –Ir embora.

**Bocuar.** –entar...

**Bócua**. –entra.

**Bocuô.** –entrou

**Bué.** –muito.

**Tô**. – do verbo ***estar***, quer dizer: ***teu ou estou***, atendendo o contexto da situação ou do modo a que se empregue o verbo, ***estar.*** Por ex: tô doente. –em vez de: estou doente. Tô vi. –em vez de: estou a vir.

**Mô.** –meu, pronome possessivo –indicando uma posse, etc.

**Bué côche**. –de menor tamanho ou algo pequeno.

**Cochito**. – pequeníssimo.